



violência midiática como condição de emergência de sinais de angústia

Geder Parzianello **I**

Resumo: No tratamento psicanalítico da angústia, o objetivo terapêutico é o alívio, o fim do sofrimento ou o apaziguamento de que tratava Freud. Este artigo apresenta a compreensão psicanalítica sobre a angústia para, através dela, compreender o lugar da violência midiática como espaço terapêutico. O sofrimento neurótico da angústia permite pensar que o mundo não é mais violento porque mais real, mas justamente o contrário. Estados de angústia acabam por revelar a estrutura das fantasias, do medo, da eternidade, da não-morte, a tal ponto que diante da violência no Outro podemos nos sentir mais próximos de nós mesmos.

Palavras-chave: psicanálise, jornalismo, violência

Abstract: In the psychoanalytic treatment of anxiety, the goal is a therapeutic relief. The end of suffering, or the appeasement according to Freud. This article presents the psychoanalytic understanding about the anguish in order to understand the place of media violence as therapeutic area. The suffering of neurotic anxiety suggests that the world is no more violent because more real, but precisely the opposite. Anxiety stages ultimately reveal the structure of fantasies, of fear, eternity, non-death, so much so that before the violence can be felt in another as been much closer to ourselves.

Key-words: psychoanalysis, journalism, violence

I Doutor em Comunicação pela PUCRS, Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Foi professor da Universidade Federal do Maranhão. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Pampa, no Rio Grande do Sul. Interessa-se por estudos em retórica verbal e visual, produção de sentidos em jornalismo e pesquisas em comunicação com interface na psicanálise.

A Psicanálise tem servido de base transversal a estudos interdisciplinares em Comunicação, desde um contexto quase sempre distinto daquele que a viu nascer, há mais de um século, pelas teorizações e experiências de Sigmund Freud. A motivação deste novo contexto se dá pelas interfaces entre Psicanálise e outros saberes mais contemporâneos, como o da Comunicação, e também devido à relação estreita que as discussões humanistas têm estabelecido em torno dos sujeitos, suas consciências e seus atos. De tal sorte, que se tornou inviável estudar certos fenômenos sem considerarmos o inconsciente como parte do objeto de investigação.

Vivemos em um tempo de pulsões, sob o 'imperativo categórico do gozo do supereu, conflitando os desejos individuais com aquilo que se acredita ser algumas das evidências do mundo real, oferecidas através da mídia. As notícias veiculadas pela imprensa têm, de fato, dado testemunho de uma sociedade violenta como sendo algo diferente daquelas sociedades historicamente constituídas por outras gerações e diferentes também do que desejamos ou acreditamos desejar para a vida em comunidade. De fato, pensamos que as gerações e as sociedades passadas tenham sido menos violentas que as de agora, mas não há nenhuma marca de provável verdade nisso. Trata-se de uma premissa que passou a ter valor de verdade. Uma crença que se reforça do jornalismo à produção artística, dos enredos de ficção, na literatura, à dramaturgia de tevê, bem como no cinema. Enfim, da ficção ao cotidiano.

Distantes da repressão da era vitoriana e com a impressão de que hoje vivemos com maior lucidez, mais informação e mais esclarecimento, a sociedade contemporânea nos tornou indivíduos confusos, perplexos até, porque a realidade nos parece quase sempre inaceitável e ainda que seja um pensamento cruel, aparentemente inevitável. A violência parece estar por toda parte e as narrativas midiáticas se proliferam em fatalismos, descrições de caos urbano e crescimento da criminalidade.

O problema da violência ganha contornos de angústia em grau superdimensionado quando a mídia brasileira coloca em xeque a credibilidade das forças policiais e questiona a eficácia da segurança pública no País. Quem, afinal, pode não se indignar com a notícia de que pessoas inocentes estão morrendo por armas disparadas por policiais e que pais deixem sua filha cair do sexto andar e neguem a autoria do crime? O mundo tornou-se, para nós, violento demais; e isso cria estados de angústia.

A sociedade do século XXI encontrou, assim, sujeitos absolutamente tensos, em meio a provocações discursivas cada vez mais freqüentes sobre a realidade - ou o que se acredita que ela seja - com determinação constante de narrativas sobre fatos relativos à violência. Desta forma, foi preciso buscar algum estado de serenidade como estratégia psíquica para controlar esta angústia e aprender a conviver com ela. A angústia freudiana também tem ganho, atualmente, novas acepções, sendo descrita pela psiquiatria contemporânea como doença do pânico e compreendendo uma diversidade de elaborações psíquicas, tratáveis terapeuticamente.

O sujeito angustiado busca na terapia freudiana o objeto terapêutico do alívio, do "*apaziguamento*" de que fala Freud. É preciso defender-se de uma força psíquica capaz de construir a referência de uma nova realidade, sem o que o sujeito se veja como se a realidade estivesse desestabilizando seus estados emocionais. J.A. Miller (1998) já enfocava a abordagem do real por meio da qual entendia que a intervenção visa à defesa do sujeito.

A mídia pode, a rigor, estar então expondo a violência e, ao mesmo tempo, protegendo o sujeito submetido à audiência dessa mesma violência. A intervenção da narrativa midiática, se por um lado causa estranhamento e a conseqüente angústia, também pode ser entendida como uma forma de proteção.

Dito de outra forma, o sujeito se protege naquilo que vê na tevê, ouve no rádio e lê nos jornais. Uma proteção psíquica, uma zona de conforto apenas, mas que, muitas vezes, é o que lhe garante a serenidade necessária para suportar a crueldade do mundo real. Com efeito, aquela violência não se passa com ele, ele não é violento, e sente que “ainda bem”. Os sujeitos parecem propensos a querer a regularidade. Do tempo, das idéias, dos fatos e das coisas.

Quando uma realidade é construída simbolicamente e essa construção afeta a regularidade das normas de funcionamento do social, o homem tende a rejeitá-la. Mas, ao mesmo tempo, por mais contraditório que esse fato seja - e ele o é -, o homem também deseja este estado de rejeição. Existe, então, na audiência acerca da violência, um complexo componente de atração catártica, como veremos adiante, pelo pressuposto de que, através da *psique*, o afeto ao Outro conforta porque não representa um perigo real. Vive-se, assim, da fantasia que a violência inspira.

As acepções dos sujeitos envolvidos nesses jogos psíquicos de linguagem, de simbolismos e mundos não são, todavia, algo de tanta lucidez para um homem comum. Há, muito provavelmente, uma consciência individual de que algo está encoberto, que precisa sempre ser decifrado em relação à realidade. Ocorre que o sujeito do inconsciente é tributário da suposição apenas de que ele tem um saber a decifrar: *um saber não sabido*, legível pela transferência. Mas isso representa somente um estado mental de impressões sobre o que supostamente ainda não está posto.

O acesso a este universo desconhecido é possível pela - e somente pela - linguagem. Ela é quem faz com que este sujeito esteja dividido e este será sempre um sujeito a descobrir, revelar e interpretar um mundo à sua volta. A produção de sentidos, como bem defendeu a tradição semiótica peirceana, é de uma semiose infinita. A possibilidade de interpretações pode nunca ter um fim.

Umberto Eco, ensaísta e semiótico italiano, costuma dizer em suas conferências que ninguém pode condenar uma senhora por assistir televisão o dia inteiro ou porque não lê ou porque optou por este ou aquele modelo de vida. “Que culpa tem essa senhora se a relação com a mídia dessa forma é a única relação de mundo que aprendeu a conhecer e a estabelecer consigo mesma?”, questiona o teórico.

Com efeito, cada sujeito é feliz a seu modo, e pode, em sendo assim, caminhar sozinho na direção do que acredite ser o seu percurso para a felicidade, ainda que seja na forma de uma angústia exterminada, inexistente. Uma senhora sozinha no meio das Savanas africanas, por exemplo, carregando um feixe de bambu, não reconhece necessariamente aquele espaço como sendo o fim do mundo nem a sua existência lhe parece menos relevante que a de qualquer outra pessoa. Ela pode, dependendo da forma como vê o mundo à sua volta, se dizer feliz onde está e como está. Ela desconhece a ansiedade e não consegue compreender facilmente o que seria. O mundo, a realidade, enfim, é o que se nos apresenta à consciência.

Um pedreiro de obras, por exemplo, poderia admitir abertamente, em uma conversa informal, que não queira ser prefeito, e que esse trabalho, de ser prefeito, represente, para ele, muita responsabilidade. Pode ser, de fato,, que ele acredite que prefere a vida simples e pacata que leva, mesmo com o trabalho difícil que executa, por acreditar que o trabalho do outro seja mais difícil ainda que o seu. Essa maneira bastante convencional de pessoas simples se expressarem acerca das escolhas de vida que fazem, serve para ilustrar que os sujeitos buscam estados contrários aos de angústia em suas lides cotidianas.

É possível supor que quanto mais reduzida a representação simbólica de mundo de um sujeito, tanto mais ele estará próximo de estados de angústia. O pedreiro do exemplo, assim como a maioria das pessoas simples, de estreita relação com a família e a comunidade, e com muitos apegos simbólicos de mundo, talvez se veja mais distante da questão da angústia e tenha, de fato, uma imensa dificuldade em acreditar e entender o que determina que ela ocorra. Pessoas simples como este hipotético trabalhador encontram representações simbólicas em quase tudo o que fazem, da religião ao trabalho, da vida em comunidade ao isolamento, quando necessário. Tudo lhes parece carregado de sentido. E, por isso mesmo, não sentem a própria carência que têm da forma exata a que a realidade forçaria.

Costuma-se dizer, em provérbio chinês, que a dor é menos dolorosa para quem a sente que do que para quem a vê. O Ocidente, por alguma razão cultural, cresceu considerando o contrário. É compreensível que nos perguntemos a quem dói mais a dor da violência praticada contra sujeitos reais, quando vista através de uma tela de tevê. O que representa, na verdade, em profundidade, a habitual manifestação de indignação e estranhamento dos sujeitos mediatizados diante das narrativas grotescas relativas à violência, estupros, assassinatos, pedofilia, corrupção, crimes ambientais, etc.? O que sentem, de fato, as audiências, quando se deparam com cenas corriqueiras de violência, a ponto de acreditarem na banalização das mesmas? São perguntas que precisam ser respondidas por pesquisas específicas. Por ora, interessa que possamos mapear a questão da angústia, problematizando a medida dos estados mentais e a emergência de sinais de angústia.

A primeira teorização lacaniana sobre a angústia é feita a partir da relação entre falta e angústia (LACAN, 1962). A angústia seria, para o psicanalista, a ausência da simbolização, aquilo que não pode ser apreendido pelo simbólico. Nesse sentido, Lacan está rigorosamente próximo de Freud (1987/1916-17, p.364): “Os enfermos não sabem bem dizer o que é isso ante o qual se angustiam e mediante uma inequívoca elaboração secundária, o enlaçam com as fobias que têm, mais à mão, como morder, enlouquecer, sofrer uma síncope”.

E o que sabem dizer os sujeitos de uma audiência sobre violência? Conhecem eles, de fato, os medos que afirmam que têm? Admitem tais medos? A violência veiculada pela mídia teria, afinal, qual exato poder? Serviria talvez, como quer a psicanálise, para sinalizar emergencialmente alguns sinais de angústia? Os sintomas seriam espontâneos?

Essas e outras questões mereceriam pesquisas em Comunicação de viés psicanalítico. Suas contribuições seriam decisivas, por certo, no sentido de reordenar as posições críticas a respeito de como funciona a influência da mídia na formação psicológica das audiências e ajudaria a reajustar o foco de percepção sobre problemas relativos à influência dos meios em seus públicos, que tanto ocupou a preocupação de pesquisadores desde a matriz funcionalista, predominante nas pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas.

O sujeito que se coloca diante dos meios de comunicação na condição de apreciador de cenas de violência pode estar, do ponto de vista freudiano, recalçando os próprios temores e sublimando assim o seu sofrimento. Não fica difícil que imaginemos as motivações pessoais, em defesa de seus sentimentos, que o levam a ter este exato comportamento. Sabemos, como dito anteriormente, que é natural que queiramos fugir da dor ou, ao menos, poder saber como controlá-la.

Freud retoma a análise sobre a angústia ao investigar as relações entre inibições e sintomas no célebre texto (1987/1922) em que a concepção da angústia como consequência do recalque dá lugar à afirmação de que, ao contrário, ela é a causa deste. Toda angústia contém um traço obsessivo, evitado

pelo psíquico porque traz sofrimento, e ao mesmo tempo alguma satisfação, no que é difícil de ser abandonada pelo próprio sujeito. (BESSET, 2002:19)

A angústia é um sinal de algo que está mais adiante do que o momento e a realidade presente. Nesse sentido, estabelece-se na marca de algo que está por vir, um *devenir*, uma sensação que antecipa. O que a angústia sempre antecipa é o medo. Ela não tem nada a ver com o patológico, apesar do sofrimento que traz ao sujeito. Ela é apenas um sinal, difícil de tratar porque se encontra fora de qualquer sentido. Um sinal, com efeito, não é uma mensagem que se dirige ao Outro, não é algo com sentido: precisa ser, por assim dizer, significado.

Daí a psicanálise acolhe a presença da angústia, não necessariamente sua cura. A certeza da angústia aproxima-se do real do inconsciente, como disse Miller (2001), só que os sujeitos costumam demorar a compreender a realidade do inconsciente e toda e qualquer subjetividade como passível de ser objetivada. O mundo das impressões é um mundo de fantasias. Os homens midiáticos parecem envolvidos no desejo de viver essas fantasias de forma catártica pelo Outro, como se estivessem eles a sublimar os próprios medos que sequer admitem ter.

A teoria psicanalítica compreende, por Freud, que a ameaça de alguma perda é o que está na base de toda angústia. Um medo, enfim, mas um medo específico, o medo da ausência. Assim, com base em Lacan diremos que, na angústia, o que está em jogo é justamente que a 'falta pode faltar'. Depreende-se daí que o medo de temer é real, mas não concreto, por isso a angústia é tão difícil de ser descrita. Ela é verdadeira porque anuncia ao sujeito que algo está mal. Angústia não coloca em dúvida, ela afirma categoricamente. E justamente porque age assim, ela adoce o sujeito. Por isso, dizemos que a angústia não engana e que ela é a única subjetividade possível do real.

"As manifestações da angústia afetam o corpo do sujeito que fala" (LACAN, 1988, apud BESSET, 2002:26) e presentificam, assim, sua divisão. Essas presentificações assinalam a incompletude do Outro, do significante, submetendo o sujeito a sua própria incompletude, algo que faz dele, distinto do eu. Nesse ponto de vista, parece razoável que se compreenda porque muitas vezes somos contraditórios em nós mesmos e desejamos o que parece que queremos rejeitar.

Para Freud, o medo (*Furcht*) é o sentimento que estaria na base da angústia característica das neuroses de transferência, das neuroses obsessivas e das histerias de angústia. Esse sentimento seria mobilizado pelo "sinal de angústia", que em língua alemã referiu-se como *Angstbereitschaft*. Quando o sujeito sente medo, sente angústia, o Ego aciona defesas na forma de fugas ou sintomas outros para evitar o sofrimento. Essa relação não é racionalizada; ela é instintiva, resultado do combate interior travado entre alguém e sua auto-imagem.

No campo da Comunicação, e no que concerne às mídias, é possível arriscar uma interpretação psicanalítica sobre os estados emocionais gerados nas audiências quando diante de informações repetitivas, mas sempre audaciosas. O sujeito telespectador se indigna, se comove, mas busca a fonte dessa indignação. Freud chegou a afirmar, em seus textos, que o homem se aproxima de tudo que ele mais refuta. Como no caso, diremos, do sujeito obeso cujo pesadelo será o de estar em pé, em frente à geladeira. A lei de não comer para não engordar é lida pelo cérebro, mas com dificuldades. Aos poucos, em termos de consciência, o sujeito já não distingue mais o falso do verdadeiro, constrói uma interpretação da realidade e passa a crer rigorosamente nela. Não desconfia que mente para si mesmo, que simula o que sente e o que faz.

Winnicott (1960) explica que o falso eu (self) seria organizado para defender o eu (self) verdadeiro, mas seria percebido como potencial e atuaria apenas de uma forma relativamente secreta. Nos protegemos, por assim dizer, naquilo que criamos sobre nós mesmos. Essa criação que fazemos dos elementos

representativos do real não importa que não corresponda a alguma exigência externa. Importa que seja aceita por nós como sendo a descrição mais perfeita possível da realidade. A realidade que criamos deve servir, em última análise, também para essa nossa proteção.

Não tem sido fácil distinguir a violência da ficção em relação à violência da realidade. Estados de angústia acabam por revelar a estrutura das fantasias, do medo, da eternidade, da não-morte, a tal ponto que, diante da violência no Outro, possamos nos sentir mais próximos de nós mesmos.

É fundamental ter em conta, para compreender estados de angústia, que todo tratamento psicanalítico a eles relacionado vai em busca do alívio. O sujeito não quer sofrer, mas procura na tevê algo que o faça sofrer. Talvez porque se veja sofrido ali, na representação, na fantasia, ele não sinta a necessidade de sofrer em sua vida real. E se sinta seguro, longe do risco de que isso aconteça.

O *apaziguamento*, de que tratava Freud é considerado, muitas vezes, como apatia da audiência, comodidade intelectual, morbidade e falta de percepção do sujeito. Foi esse entendimento que forçou a compreensão funcionalista dos estudos em comunicação, nos anos 50, nos Estados Unidos, em que as teorizações no campo concluíam sobre a incapacidade das massas de resistir aos apelos das mídias, como fossem os auditórios todos, sujeitos inertes, amorfos, apáticos e irracionais. A compreensão psicanalítica sobre a angústia faz com que, através dela, o sujeito passe a compreender o lugar da violência midiática como espaço terapêutico em sua vida e se reconheça como agente do processo de construção de sentidos.

O sofrimento neurótico da angústia por que passam os sujeitos midiáticos permite que pensemos o mundo de hoje, de fato, não mais como o mais violento dos mundos. O que o faz parecer violento são as possibilidades multiplicadas da informação em circulação na sociedade contemporânea. Violenta é a mídia ao expor a verdade sobre a perspectiva do fato inusitado. Mas a premissa é falaciosa. O mundo sempre foi violento. Da violência das cavernas à violência dos arranha-céus, com o simbólico do Imperialismo.

Violentas são, isso sim, as sensações de medo, os estados de angústia que se apoderam dos sujeitos menos lúcidos e que acabam por revelar a estrutura das fantasias, entre elas a maior de todas: a fantasia do medo, do medo morte, aliada ao desejo de eternidade, que todos temos em condições normais. O medo de nossos medos é tamanho a ponto de, diante da violência conhecida no Outro, através da mídia, podermos nos sentir mais próximos de nós mesmos.

Referências bibliográficas

BESSET, Vera Lopes. (org). *Angústia*. São Paulo: Escrita, 2002.

FREUD, S. Manuscrito E. *Como se gera la angustia? Fragmentos de la correspondencia com Fliess* (1988/1950). Obras completas. Buenos Aires: Amorrostu, 1987. p.235,vol.XVI.

FREUD, S. *El sentido de los síntomas*. Conferencias de introducción ao psicoanálisis. (Parte III, 1916-17). Obras Completas. (op.cit) p.235-49,vol.XVI.

LACAN, J. La tercera. *Intevenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial,1988, p.159-87.

MILLER, J. A *Le sinthome, un mixte de symptome et fantasme*. Rio de Janeiro: La cause freudienne, n.39, 1998.

WINNICOTT, D.W. *Distorção do ego em termos do falso e verdadeiro self*. (1960) In: *O ambiente e os processos de maturação*. Tradução de Irineo C.S. Ortiz, 3ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

ZIZEK, S. *The metastases of enjoyment*, Londres: Verso,1994.